

DÉCIMAS GAÚCHAS: A VIDA DE UM HOMEM “INFAME”

Msda. Maria de Lourdes Gonçalves de Ibanhes (UFMS)¹

... quem confessa se examina e torna-se, por isso, digno de ultrapassar as condições em que se encontra. (FISHER, 2003, p. 39)

RESUMO: Este artigo faz uma breve análise da obra *Décimas Gaúchas*, de Silvino Jacques, enfatizando o seu caráter autobiográfico, bem como a estratégia do autor para lançar-se na história e terminar por tornar-se uma espécie de herói/bandido. Para tanto, foi usado, como aporte teórico, obras de Lejeune, Caballé, Foucault, entre outros. Textos que explicam a questão do pacto autobiográfico, da confissão e da escrita de si mesmo. Aspectos que detectados na escritura jacquesiana são devidamente analisados.

PALAVRAS-CHAVE: Sylvino Jacques, autobiografia, pacto autobiográfico, bandido.

Introdução

A obra *Décimas Gaúchas*, do bandoleiro Silvino Jacques, foi escrita na prisão em 1929, foi divulgada primeiramente pelo Romanceiro popular e mais tarde foi publicada por Theodorico de Góes Falcão na revista *Crônicas do Município de Bonito* (1978). Trata-se de texto raro, considerado objeto da cultura sul-mato-grossense, haja vista que o seu autor ficou famoso na região pela sua participação na Revolução de 32 e também pelas suas ações como *porojukahá* (matador em guarani). Hoje a personagem Jacques faz parte do imaginário mítico/lendário do estado, daí a importância de seu texto autobiográfico.

A obra é toda escrita em versos e na primeira pessoa do singular. Dito isso, é necessário fazer uma breve explanação da estrutura da mesma. Trata-se de um texto de quinze páginas dividido em duas partes. Na primeira parte há noventa e três estrofes; na segunda parte, há cento e trinta. Todas as estrofes são de seis versos, a maioria de sete sílabas, ou seja, o texto tem a forma do cordel nordestino, pois em suas estrofes de seis versos, o segundo, o quarto e o sexto rimam entre si e os demais são versos brancos. Dizem que as *Décimas* tornaram-se conhecidas por intermédio do Cancioneiro Popular, muito antes de seu registro por escrito, que segundo consta, foi colocado no papel durante o tempo que o bandoleiro esteve preso pela primeira vez no Rio Grande do Sul.

Quanto ao conteúdo, e a narração das peripécias e crimes que o autor cometeu, no Rio Grande do Sul e na Argentina, antes de se refugiar aqui no Mato Grosso do Sul, na época, ainda Mato Grosso.. Além disso, tratar-se da questão da reivindicação à existência de um homem “infame”, que busca fugir do apagamento através da linguagem. Talvez por acreditar que só ela pode imortalizar o homem, pois como diz Borges, discutindo a idéia de que apenas alguns têm o

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Secretaria de Pós-Graduação – Mestrado em Letras – maria-na.mancuso@bol.com.br

privilégio à imortalidade, “cada um se julga grande, cada um tende a pensar que sua imortalidade é necessária”. (2002, p. 28). Ver-se-á que assim pensava Silvino, pois, era seu desejo ser lembrado e imortalizado através da escrita: “Se um dia por acaso/ não possa eu contar vitória, que meus inimigos me matem,/ E assim cheio de glória,/ Eu peço a meus amigos,/ que leiam a minha história.”

O autor inicia seus escritos, tal qual uma proposição em que se anuncia o teor do canto, avisando que vai contar uma história e, já em seguida, apresenta-se, não deixando dúvidas de que a narrativa tratará de sua própria vida, de suas aventuras e desventuras, como pode se constatar nos seguintes versos:

*Vou contar uma história,
Que muitos devem saber,
Mas contada por quem não viu
É justo não devem crer.
E para que todos saibam
Bem certo vou escrever.*

*Meu nome nunca neguei,
E não pretendo negar,
Me chamo Sylvino Jacques,
E nunca procuro o mal
Ele é quem me procura
E sempre me há de encontrar.*

A atitude de Jacques ao apresentar-se, “me chamo Sylvino Jacques, e nunca procuro o mal”, remete à questão que Caballé trata em seu texto *História, individuo, literatura* (1995), no qual ela diz que tal atitude é chamada pelos ingleses de *name-dropping*, ou seja o gotejo constante do nome que para Lejeune significa muito mais do que uma simples vaidade de autoria, “*la pasión del nombre propio*”. “... a través de ella, la persona misma reivindica la existencia convirtiéndose el nombre propio em el tema profundo de toda autobiografía”. (CABALLÉ, 1995, p. 45). A reivindicação da existência parece própria do “homem infame”, medroso de passar ao lado de todo o discurso, tocá-lo e depois desaparecer sem nunca ter sido dito, como reflete Foucault, que acredita que os infames, na sua violência, só deixam qualquer coisa, qualquer marca se antes cruzarem o poder provocando suas forças.

Jacques parece ter tido este *insight*, tentar não ficar na obscuridade por intermédio da autobiografia. Seus escritos são, parafraseando Foucault, rudimentos de uma lenda de um homem obscuro, a partir do discurso que, na vaidade, na infelicidade ou na ira mostrou-se e desafiou o poder. Foucault explica que:

Lenda, porque nela se dá, como em todas as lendas, um certo equívoco entre o ficcional e o real. Produze-se nela por razões inversas, porém, o lendário, seja qual for o seu núcleo de realidade, não passa afinal da soma do que dele se diz. É indiferente à existência ou à inexistência daquele cuja glória transmite. Se existiu, a lenda recobre-o de tantos prodígios, embeleza-o com tantas impossibilidades que tudo se passa, ou quase, como se nunca tivesse vivido. E se é puramente imaginário, a lenda dá conta de tantos relatos insistentes a seu respeito que ele adquire a espessura histórica de alguém que teria existido. (FOUCAULT, 1992, p. 99-100).

A existência de Jacques foi garantida, no momento em que ele se inscreveu em versos. Foi divulgado pelo Romanceiro Popular, sem dar oportunidade para ser dito pelo apagamento ou

esquecimento em um registro de um documento perdido e disperso, comum a tantos infelizes ou celerados que muitas só serão reencontrados e lidos nas gavetas empoeiradas da burocracia, talvez em um arquivo morto. Destino da maioria dos bandidos e delinquentes que a fama tem a duração da notícia de jornal, logo apagada pela natureza descartável do veículo. Jacques, com certeza, vira lenda a partir de seu próprio contar que, se complementa com as glórias contadas e a ele atribuídas.

Percebe-se, claramente, por meio dos versos anteriores e do que foi até aqui exposto, que o autor deseja mostrar-se pela via da escrita de si, narra-se, dando-se a conhecer para o outro. É como se dissesse, foi eu que fiz e não pretendo negar coisa alguma. É uma confissão. Jacques é sujeito e referente das ações que relata. Trata-se de uma literatura do “Eu”? Caballé declara que pode-se classificar a escritura em primeira pessoa *“como literatura del Yo: el mismo individuo ocupa una posición múltiple y simultanea: es protagonista, narrador y autor de la obra”*. (1995, p.37). Jacques ocupa todas essas posições em seu texto, é autor, narrador e protagonista e esta coincidência entre tais elementos é condição *sine qua non* de uma autobiografia.

O pacto autobiográfico foi firmado no momento em que Silvino Jacques Autor/personagem e narrador se auto-apresenta: “Me chamo Silvino Jacques e não pretendo negar”. O leitor sabe que esse eu que fala no texto, não é apenas o eu lírico de um poema, mas é um eu devidamente apresentado, que está se assumindo, enquanto narrador e personagem daquilo que está contando. Assim a identidade do nome do autor com narrador e personagem foi estabelecida de forma patente e inequívoca. Foi feito o pacto autobiográfico, que de acordo com Lejeune é o momento em que *“la identidad del nombre (autor-narrador-personaje)”* é estabelecida. Ou melhor: *“El pacto autobiográfico es la afirmacion en el texto de esta identidad, y nos envia em última instancia al nombre del autor sobre la portada”*. (LEJEUNE, 1986, p. 64).

Lejeune postula que a autobiografia é um texto referencial, logo não tem finalidade à verossimilhança, mas sim a imagem do real. O pacto com a referência oferece a possibilidade de verificação, pode-se comprovar aquilo que foi dito. Jacques, em suas trovas, relata vários fatos possíveis de serem comprovados como verdadeiros, como por exemplo:

*Sou natural da fronteira
Do Rio Grande estimado,
Criei-me como um gaúcho
De pingo bem encilhado
Sempre alegre e altaneiro
Sem maldizer meu Estado.*

*Sou filho de Leão Pedro Jacques,
Índio velho pobretão
Mas sempre fez grande empenho
Para dar-me educação
Mas me faltou a memória
E uma boa inclinação.*

*Primeiro tiro que dei
Foi no Sub-intendente,
Um tal Crescencio Bogueidulte,
O qual caiu de repente
Com um balaço no coração
Pois é morte que não se sente..*

Jacques firmou os dois pactos, que ainda, segundo Lejeune, são co-extensivos, o referencial com o autobiográfico. É a prova suplementar, o que não elimina a possibilidade do autobiógrafo contar-nos apenas o que lhe interessa. Caballé defende essa hipótese ao afirmar que o eu

autobiográfico relata aspectos de sua vida de uma posição privilegiada, pois escolhe a ocasião, o conteúdo e a duração do seu discurso.. O autor está munido dos dois pactos e de fatos para provar a honestidade de sua narrativa . Durante toda a narrativa temos fatos possíveis de serem verificados. Por outro lado, a parte de sua vida escolhida para ser divulgada é algo que o compromete sobremaneira. É a confissão de um pária, um homem “infame”, um assassino, como ele mesmo afirma:

*Sempre fui perseguido
Por um ruim triste destino,
Até chegar ao ponto
De ser um homem ferino
E meu nome ser comentado
Com fama de assassino*

Porém, como foi comentado anteriormente, Jacques não pretendia passar despercebido através da história, sendo apenas mais um bandido registrado nos autos e arquivos da polícia. Mas ele devia ter a consciência de que a vida cotidiana, marginal só tem acesso ao discurso se transfigurada pelo fabuloso, pelo mítico. Tocada pela façanha, pelo heroísmo, pela aventura e a perversidade, a parte da vida de Silvino Jacques, escolhida por ele mesmo, é relatada num tom de “impossível”. Detalhe que não deixa de provocar curiosidade no leitor e conferir a sua narrativa um caráter lendário, embora as atitudes narradas não mereçam glória nenhuma, posto que, tratam da vilania e da violência cometidas pelo bandoleiro. No entanto, esse tom de “impossível” e a divulgação oral de suas peripécias possibilitaram sua ascensão ao mundo da lenda e do mito.

O interdito é publicado num desafio às autoridades da época, sem medo, sem nenhum escrúpulo de confessar os crimes e as vilezas, como se o marginal agisse por força maior de um destino, contra o qual nada pudesse fazer. Inscreve-se como vítima, como predestinado. Dessa forma, sua infâmia torna-se fama, pois a infâmia nada mais é do que uma modalidade da fama universal. Sua intenção era ficar na história como ele mesmo afirma:

*Se algum dia por acaso
Não possa eu contar vitória,
Que os inimigos me matem,
E assim cheio de glória,
Eu peço a meus amigos,
Que leiam minha história.*

Para Caballé confessar é “*un acto de valentia que supone cierta seguridad en el valor de uno mismo y del alcance universal de la experiencia individual*”, (1995, p.26), dito de outra forma, quando alguém transforma sua vida em literatura não está mostrando ao leitor um caso particular do humano, mas apenas uma possibilidade de uma de suas formas. Tanto a questão do ato de valentia como a de sair do particular para o universal, não deixa de ser uma forma de isentar-se ou de buscar a compreensão dos próprios atos, tanto em relação a si mesmo como em relação aos outros.

Também é um “colocar-se em julgamento”, fato que nos leva de volta a epígrafe que inicia este trabalho. Pois, quem confessa se examina e, portanto, é digno de sair da condição em que se encontra. O mal confessado dá o direito ao perdão. O Ocidente cristão, há muito, inventou essa espécie de coação, onde o “eu confesso”, em primeira pessoa, era condição obrigatória de fazer passar os pecados pelo fio da linguagem.

Silvino, ao confessar-se, busca no leitor um cúmplice, é como se dissesse: “eu não estou sozinho, muitos podem ter feito o que eu fiz. Vocês agora sabem, julguem-me ou absolvam-me”.

Além disso, para Foucault (1992), a escrita de si mesmo ameniza os perigos da solidão, desempenha a função de um amigo. Afinal como diz a música de Alceu Valença “a solidão devora”. Qualquer que seja o caso, Silvino parece não só buscar a imortalidade, mas também a cumplicidade do leitor na sua solidão de marginal e a absolvição dos seus pecados.

Nenhuma de suas razões é inocente, tanto é assim que até hoje existem aqueles que o tem como herói e aqueles que o tem como bandido. Sua história ficando no limiar entre realidade e ficção. Problemática que só vem a confirmar que “*en mayor o menor medida, toda autobiografía es mentira puesto que viene provocada por un impulso creador y, en consecuencia, imaginativo, que empuja a dar forma a lo vivido y, al darle forma a la vida se la falsea.*” (CABALLÉ, 1995, p. 27). Tal aspecto gira em torno do sujeito/autor, lugar da enunciação, memória, fios condutores que cercam os limites entre verdade e ficção, pois “*los limites entre testimonio y narrativa de ficción no son fijos ni siempre evidentes*”. (ARAÚJO *apud* BITTENCOURT *et al*, 2004, p. 21).

Depois de tudo o que foi argumentado até aqui, parece não pairar nenhuma dúvida de que o texto *Décimas Gaúchas* trata-se de uma literatura do eu. Porém, Lejeune define autobiografia como: “*Relato retrospectivo en prosa [grifo nosso] que una persona real hace de su propia existencia, poniendo énfasis en su vida individual y, en particular, en la historia de su personalidad*”. (LEJEUNE, 1986, p.125). Como ficou demonstrado, as *Décimas* são escritas em versos, mas isso não tira delas a unidade existente entre autor, narrador e protagonista, nem o fato de o relato ser de e sobre uma pessoa real.

Não é demais repetir o que já foi dito antes, o nome próprio do autor é usado, em vez do “eu lírico tradicional”, fato que confirma o pacto autobiográfico e legitima o texto como uma autobiografia escrita em versos populares. Além disso, o próprio Lejeune, no texto *El pacto autobiográfico* (bis), diz que pode se considerar autobiografia qualquer texto regido por um pacto autobiográfico, onde o autor propõe ao leitor um discurso sobre si mesmo. E é exatamente isso o que Silvino Jacques faz.

Considerações Finais

A escritura de Jacques encontra-se, como tantas outras, na condição de marginalidade, tanto por não ajustar-se a um gênero específico, como por tratar-se da história de vida de um homem “infame”. Pode-se até afirmar que é uma “escritura híbrida autobiográfica”. No entanto, não se pode excluí-la, pois como postula Lejeune “*‘Eliminar’ textos de este tipo por una ‘definición’ sería una actitud bastante ridícula*”.

Jacques escreveu parte da trajetória de sua vida em versos e de forma que, mesmo confessando os crimes e atrocidades que cometeu, ganha a simpatia do leitor, pois coloca-se como vítima de um destino inevitável: “Um feiticeiro me disse,/Escute senhor Sylvino,/Pelos olhos eu conheço/Vai ser ruim o seu destino./Parece que ele sabia/Que eu ia ser assassino.

Percebe-se que o autor queria pela via da autobiografia dar vazão a uma grande vaidade - “a paixão pelo nome próprio”; ganhar o perdão por ter coragem de confessar seus “pecados”, afinal ele nada podia fazer contra a predestinação de sua vida; e marcar sua existência em busca da imortalidade. Silvino, talvez como Borges, acreditasse que “a linguagem é uma espécie de imortalidade e que após nossa morte física, fica a memória”.

Jacques é a fusão daquilo que ele conta sobre si mesmo e das histórias relatadas de pai para filho, no clarão das lamparinas, onde nascia a lenda embalada pelo silêncio dos ouvintes e cercada pelo mistério das noites escuras perpassadas pelos piscas e apagadas dos vaga-lumes. Herói ou bandido? Lenda ou realidade. Apenas parte da Memória de uma gente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Jorge L. *Cinco visões pessoais*. Trad. Maria Rosinda Ramos da Silva. 4º ed. Brasília: Ed. UNB, 2002.

CABALLÉ, Anna. *Narcisos de Tinta*. Madrid: Megazul, 1995.

FISHER, L. A. Linhagem das memórias. In: *Literatura brasileira*. São Paulo: Abril, 2003. (Super interessante, p. 11).

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Trad. Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. 3º ed. Veja: Passagens, 1992.

JACQUES, Silvino. Décimas Gaúchas. In: FALCÃO, T. G. *Crônicas e histórias do município de Bonito*. vol. 1. Bonito (MS): Edição Independente, 1978, p. 15-30.

LEJEUNE, Philippe. El pacto autobiografico. In: *...El pacto autobiografico y otros estudios*. Madrid: Megazul - Endymion, 1996.

MASINA, Lea; BITTENCOURT, Gilda N.; SCHMIDT, Rita T. (Orgs.). *Geografias literárias e culturais: espaços e temporalidades*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.